

REGO, Costa. A rami. Correio da Manhã. |s.l. |, 01 maio 1947.

# A RAMI

*Correio da Manhã 1.5.47*

A rami é uma fibra discutida, e ainda agora, lendo o que sobre ela escreveu o Sr. Luso Ventura no *Correio Popular*, de Campinas, recorro as várias polémicas travadas em torno da hipótese de vir essa fibra a prejudicar a cultura do algodão. O perigo, sustentaram alguns técnicos, não existia, por ser a rami apropriada, antes, ao fabrico de cordoalhas e sacaria.

Não cabe evidentemente negar-lhe tal emprêgo. Basta examinar uma simples amostra de rami crua para ter a idéia da corda ou do saco. Mas a rami é fibra cara. Seria absurdo reservá-la para essas aplicações, onde o preço baixo constitui a primeira condição do aproveitamento. Assim, haveríamos de utilizá-la na confecção de artigos finos, aproveitando a vasta cultura que dela se faz em certas zonas de São Paulo, notadamente em Jundiá, no Espírito Santo e no norte do Paraná.

A rami presta-se à formação dos chamados fios técnicos, necessários à costura de peças de alta resistência, como sejam as das fábricas de calçados e selarias, além de entrar na composição dos panos para fins militares, das lonas de mangueiras e pneumáticos. Sucede ainda que a rami, depois de beneficiada e transformada em fios de tecelagem, trabalhados tanto na trama como no urdume, oferece ao consumo um pano de vestuário com aspecto análogo ao dos melhores panos de cânhamo e linho.

Já por este enunciado se vê que a rami não exclui o algodão, e, não servindo economicamente para o fabrico das cordoalhas e da sacaria, abre perspectivas à indústria de uma classe de tecidos hoje importados de alguns países que trazem a matéria-prima da África, da Nova Zelândia, de Bengala, de Bombaim, do Canadá, de Creta, do

Japão, de Manilha. Os famosos linhos irlandeses, belgas e franceses não têm outra origem.

Poderíamos com a rami tentar o linho brasileiro. A prática depõe em sentido favorável, limitada, porém, ao terreno da exploração agrícola. Resta aparelhar o campo da industrialização com as máquinas adequadas, capazes de fiar a fibra longa.

O que existe em São Paulo neste particular é muito pouco e ainda precário, não constando infelizmente que o governo tenha incluído as referidas máquinas entre os artigos de importação prevista ou subordinada à regra das operações orientadas pelo Banco do Brasil. A seu turno, os institutos oficiais não distribuem aos lavradores rizomas da rami, e nem os lavradores possuem os petrechos indispensáveis para descorticarem as plantas com eficácia.

Quando se fala de fibras entre nós, levantam-se muitas questões agronômicas, acumulam-se muita literatura, ensinam-se muitas dúvidas. Não é mais este o caso da rami, para cuja elucidação os doutores falaram enquanto o valor da planta não era inteiramente conhecido. Agora, o problema é de ordem administrativa. Cumpre recolher os dados estabelecidos pelos técnicos e confirmados pela cultura experimental, oferecendo-os à iniciativa particular. Essa iniciativa entretanto não se manifesta no meio da apatia. Ao governo cumpre quebrar a apatia, estimulando com medidas prontas o novo surto industrial, até porque a rami, a exemplo do linho de algodão, fornece celulose de alta classe, extraída do liber ou do caule, conforme o processo a que seja submetida: e a celulose é também mercadoria de peso entre as de nossa importação.

Costa REGO